

SAPATARIA. SUBSTANTIVO, QUEER: PRIMEIRAS LINHAS DE UMA ESCRITA

LARISSA SCHIP FERREIRA DE DEUS¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – larissaschipf@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo discorre sobre a criação do trabalho Sapataria. *Substantivo, queer.*, de minha autoria, realizado em 2025, como parte do processo que realizei no curso de Doutorado em Artes do Programa de Pós Graduação em Artes da UFPel, na Linha de Pesquisa Processos de Criação, Poéticas e Cotidiano. Uma pesquisa que surge como uma poética por demanda, em empréstimo a noção de antropologia por demanda criada pela professora, antropóloga feminista e escritora argentina Rita Segato, que se refere a “uma antropologia interpelada, solicitada, demandada pelos povos que durante um século lhe serviram de objeto.” (SEGATO, 2021 p.17)

Neste contexto o trabalho Sapataria. *Substantivo, queer.*, investiga, através do processo de criação artística, a palavra sapataria com o objetivo de resgatar a história do termo sapatão, como proposta de criar narrativas não hegemônicas e oferecer um espaço para diálogo em construção.

Dessa forma a fundamentação teórica que percorre este texto se dá a partir das noções da filósofa Judith Butler sobre o ato de nomeação e as reflexões sobre a palavra de bell hooks e Valère Novarina.

2. METODOLOGIA

Seguindo a metodologia de Autobiogeografia proposta pela professora Manoela dos Anjos Rodrigues, que se refere aos entrelaçamentos entre autobiografia e decolonialidade por meio das práticas artísticas. Trazendo indagações às quais confrontam o colonialismo do ser, do saber e do sentir. Sendo as macro-narrativas um processo de colonização que tem origem na Europa ocidental, esta metodologia considera a política do lugar na intenção de encontrar outros pontos de origem de nossas histórias e modos de estar no mundo por meio da arte criando estratégias para narrativas e perspectivas não hegemônicas. (RODRIGUES, 2019)

Sendo a conexão corpo-lugar-deslocamento a possibilidade de criação de contranarrativas, por via da descentralização do conhecimento. Segundo Rodrigues, a criação de atos autobiográficos, na arte e no viver, podem criar narrativas não hegemônicas que se tornam coletivas como prática decolonial.

Nesta busca de reconhecer o espaço no qual me localizo, comecei a perceber lugares na cidade de Pelotas, na qual resido neste período de Doutorado, que unissem a minha vivência nesta localidade com o que venho observando como um “modo de vida sapatão”, ou seja, um movimento de contra narrativas do que se espera em relação a crononormatividade. Assim, percorri a cidade junto aos meus amigos Patrick Tedesco e Luciano Mello, que me acompanhavam munidos de câmeras fotográficas para registrar meu corpo que se colocava diante desses lugares, vestindo uma jaqueta

em que realizo colagens (de textos, imagens e bordados), uma espécie de diário de pesquisa, uma armadura, um uniforme, um vestir-se de afirmação.

Neste contexto de experiência pela cidade, encontrei a primeira sapataria de Pelotas, existente há mais de 100 anos. Observo esse espaço como lugar de resistência ao desenfreado capitalismo que nos faz sempre adquirir novos sapatos ao invés de consertá-los. No entanto, não é sobre sapatos que falo, é a palavra que me interessa nesta ação: Sapataria. Uma palavra, uma ação, um verbo? Talvez. Dois trabalhos surgem a partir dessa visita, no primeiro me aproprio da ideia de placa exposta na fachada da loja e em torno um objeto que instaura um outro tipo de sapataria. O segundo é um livro de artista no qual aparecem três significados desta palavra.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sapataria. *Substantivo, queer* foi apresentado na mostra Dobradiça (2025) na galeria A Sala do Centro de Artes da UFPel, exposição laboratório da disciplina de Seminário Avançado de Pesquisas em Processos de Criação e suas Interloquções Teórico-práticas, ministrada pela professora Helene Sacco. Apresentados os dois trabalhos lado a lado, a placa se encontrava próxima a porta da sala da galeria, como a placa original, que traz um enunciado que identifica aquele espaço, instaurando um novo lugar ou no mínimo um novo sentido, uma forma de percebê-lo

No entanto, diferente da original, no trabalho trono a placa giratória, para enfatizar a não fixidez. Procuro neste gesto a fluidez que se faz necessária ao entendimento de que gênero, sexo e sexualidade são ficções criadas para a manutenção heteropatriarcal da sociedade em que vivemos. (BUTLER, 2017)

Tendo os Estudos de Gênero como base, minha pesquisa começa pela palavra, entendo que identidades são nomeações, seguidas pela repetição dos códigos de gênero, sendo a performatividade a prática do discurso que produz aquilo que nomeia. (BUTLER, 2017) Procurando justamente essa performatividade, uso a palavra sapatão ao invés de lésbica, como forma de empoderamento decolonial, pois no Brasil, o termo sapatão é forma de afirmar a identidade na história do movimento LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo que esta nomenclatura, se afasta das teorias lésbicas da colonialidade.

Outra operação que se diferencia da placa original, foi tornar o objeto móvel, não fixo à parede, ainda que com dimensão maior, pois aqui, a medida da placa faz referência a altura padrão de uma porta (2 m e 10 cm), uma porta que se abre não para um lugar fechado, pois o espaço que demarca é o próprio mundo.

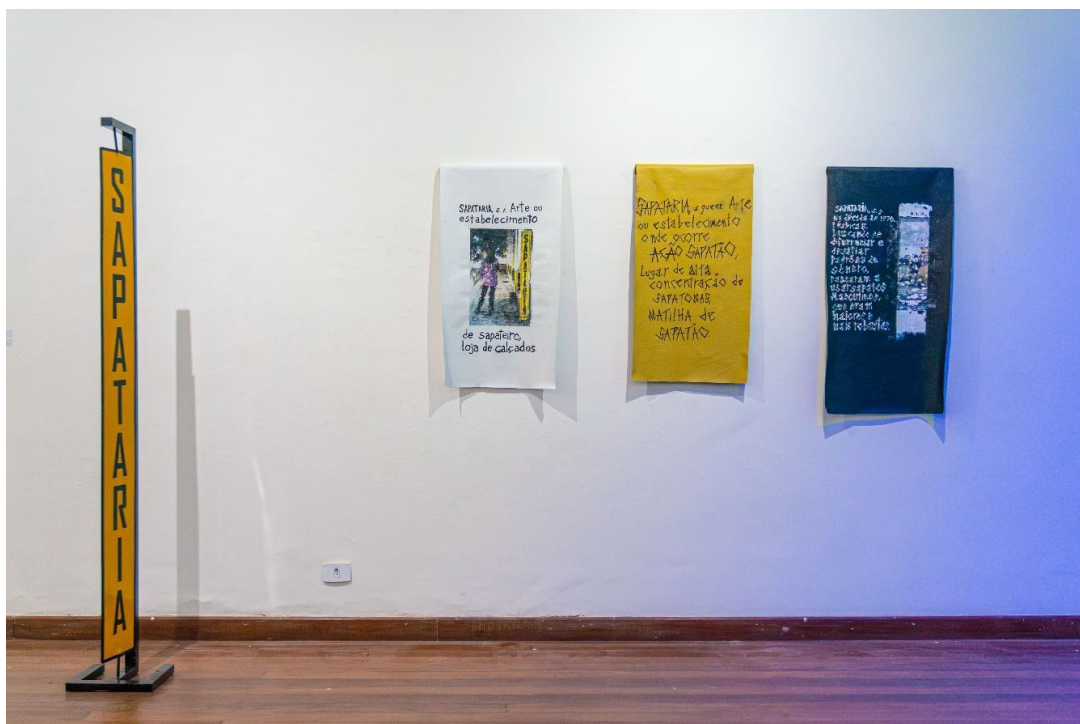


Figura 1 – Larissa Schip, Sapataria. *Substantivo, queer.*, objeto e livro de artistas, 2025

Um objeto que pode ser deslocado, instaurando um lugar sapatão no contexto em que é colocado. Um objeto vertical, paralelo ao corpo de quem se coloca diante dele, em pé, onde lemos a palavra de cima para baixo. Essa verticalidade faz referência ao ato de ler em voz alta, em que Segundo Valère Novarina,

As palavras vão no espaço como objetos que se abrem. As palavras são logaédros. As palavras são uma matéria viva, um campo de força, e há uma separação, uma sexualidade na fala. Nós somos atravessados por elas, vamos pelo espaço que elas atravessam; nós as fazemos passar por aqui e somos atravessados pelos logaédros. O sentido – quer dizer a sede de espaço – passa por elas, emana delas por ondulações e por irradiações contrárias. As palavras emitem o espaço. (NOVARINA, p.17, 2009)

Como Novarina, bell hooks, reflete sobre a palavra através da voz. Em seu livro *Erguer a voz: Pensar Como Feminista, Pensar Como Negra*, a autora relata sobre seus esforços para uma escrita autobiográfica, considerando uma luta individual para se opor à colonização, deslocando o objeto para sujeito. Ação que demanda esforço para criar uma voz libertadora.

É importante que falemos. Sobre o que falamos é ainda mais importante. É nossa responsabilidade, coletiva e individual, distinguir entre a mera fala de autoexaltação, de exploração do exótico “outro”, e aquele encontro da voz que é um gesto de resistência, uma afirmação de luta. (HOOKS, p.55, 2019)

Para exposição *Dobradiça*, como primeira instauração da sapataria, o livro que acompanha a placa, foi exposto aberto em três páginas na parede da galeria, com a intenção de demarcar a qual sapataria me refiro. As páginas feitas de couro sintético,

fazem referência ao “cheiro de couro” – expressão usada para se referenciar a sapatonas –, na primeira junto ao registro realizado em frente a sapataria de Pelotas, lemos a definição que o dicionário traz da palavra, ainda como substantivo feminino. Na segunda página, lemos uma definição criada por mim, onde sapataria é ação, lugar e concentração de sapatão, neste escrito a fonte usada na escrita do trabalho se transforma para a minha própria letra. Por fim, a terceira página, junto a uma fotografia feita dentro da loja, que se desfaz e ao mesmo tempo se penetra no couro, lemos uma definição histórica, a qual conta que a expressão sapatão para se referenciar à lésbicas iniciou na década de 1970, quando mulheres passaram a usar sapatos considerados masculinos, como desafio de padrões de gênero.

4. CONCLUSÕES

Refletir sobre a palavra sapataria, como espaço fluido de ação sapatão, procura propor a arte como possibilidade de uma troca coletiva, onde novos sentidos podem ser constituídos e instaurados. Num exercício que parte da palavra e que se expande como verbo, como uma prática de ativação de outras formas de perceber, palavras, imagens e comportamentos historicamente construídos. Ao partir de minha experiência individual, instaurar uma sapataria, é uma proposta de abertura ao diálogo com corpos outros que ao adentrar esse espaço tem a possibilidade de identificação ou reflexão sobre uma identidade pouco explorada como epistemologia. A nomeação faz da palavra corpo, e dá corpo à palavra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017
- HOOKS, bell. **Erguer a voz:** Pensar Como Feminista, Pensar Como Negra, São Paulo: Editora Elefante, 2019
- NOVARINA, V. **Diante da palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Atos autobiográficos e práticas decoloniais em artes visuais. In: **Palíndromo**. Santa Catarina, v.11, n.24, p. 152-161, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/issue/view/Pal%C3%ADndromo%2024>. Acesso em 17 jan. 2025. ISSN 2175-2346
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios** e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023.